



## Mulher e erotismo na lírica trovadoresca galego-portuguesa Woman and eroticism in the Galician-Portuguese troubadour lyric

Pedro Carlos Louzada FONSECA<sup>1</sup>

Márcia Maria de Melo ARAÚJO<sup>2</sup>

**Resumo:** Trata-se de uma abordagem das imagens femininas reproduzidas nas cantigas de amigo “Fui eu, madre, lavar meus cabelos” de Johan Soarez Coelho e “Levou s’ aa alva, levou s’ a velida” de Pero Meogo, ambos destacados trovadores galego-portugueses. Nas cantigas de amigo, o erotismo aparece como tema da possibilidade de satisfação, da promessa, do desejo ou da sua negação, e da proximidade da felicidade. Nesse sentido, pretende-se neste trabalho refletir sobre as imagens recorrentes na lírica desses trovadores e como elementos éticos da fidelidade, da coragem, da ternura são tratados por uma vertente erótico-cultural que compõe a nobreza medieval, capaz de transformar os sofrimentos do amor em beleza, oferecendo, desse modo, um significado e um valor satisfatório para o sentimento.

**Abstract:** It is an approach of the female images reproduced in the cantigas de amigo “Fui eu, madre, lavar meus cabelos” by Johan Soarez Coelho and “Levou s’ aa alva, levou s’ a velida” by Pero Meogo, both outstanding troubadours Galician-Portuguese. In the cantigas de amigo, eroticism appears as the theme of the possibility of satisfaction, of promise, of desire or its negation, and of the closeness of happiness. In this sense, it is intended in this paper to reflect on the recurring images in the lyricism of these minstrels and how ethical elements of loyalty, courage, tenderness are treated by an erotic-cultural aspect that makes the medieval nobility capable of transforming the

---

<sup>1</sup> Professor Titular de *Literatura Portuguesa* da Universidade Federal de Goiás. Coordenador de Projeto de Pesquisa sobre a visão misógina e antimisógina na Idade Média, financiado pela Fapeg – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás para o período 2013-2015. *E-mail:* [pfonseca@globocom.com](mailto:pfonseca@globocom.com). *E-mail:* [clubrochado@gmail.com](mailto:clubrochado@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora Titular de *Literaturas de Língua Portuguesa* da Universidade Estadual de Goiás. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). *E-mail:* [marcimelo@gmail.com](mailto:marcimelo@gmail.com).



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

sufferings of love into beauty, offering in this way a meaning and a suitable value for feeling.

**Palavras-chave:** Cantigas de amigo – Erotismo – Lírica trovadoresca galego-portuguesa.

**Keywords:** Cantigas de amigo – Eroticism – Galician-Portuguese troubadour lyric.

ENVIADO: 11.10.2013

ACEITO: 15.15.2013

\*\*\*

## Introdução

A finalidade do presente estudo é a análise comparativa de alguns versos das cantigas de amigo “Fui eu, madre, lavar meus cabelos”, de Johan Soarez Coelho, e “Levou s’ aa alva, levou s’ a velida”, de Pero Meogo, em que se busca, na interpretação simbólica, o erotismo das imagens femininas na lírica galego-portuguesa, mais em concreto, nas cantigas de amigo desses dois trovadores.

Ambas cantigas trazem como traço comum a inspiração na moça e nos seus cabelos. Nelas há um fundo erótico estimulado pelo duplo sentido e pela carga simbólica, próprios do período em que as cantigas foram compostas, que torna difícil se estabelecer até que ponto os aspectos masculino e feminino do amor podem ser revelados. Em geral, a opinião de autores como Johan Huizinga<sup>3</sup>, a respeito de formas de vida e de pensamento da sociedade medieval, é de que a representação do amor como forma cultural expressa quase exclusivamente uma concepção masculina.

Entretanto, convém comentar que as cantigas representam as primeiras fontes a expressar a fala feminina, como preço da libertação do clã patriarcal, se levarmos em consideração que, nessa época, para escapar da tutela de pais, irmãos e maridos e se tornar de fato uma igual do homem, a mulher deveria renunciar à sexualidade; ou seja, ser casta.<sup>4</sup> Curiosamente, há nas cantigas de amigo dos trovadores galego-portugueses certa ambivalência entre o ideal e o carnal, motivos que refletem a ambivalência do amor cortês.

<sup>3</sup> HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

<sup>4</sup> BLOCH, Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 122.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Talvez caiba aqui, como motivação introdutória ao estudo dessa poética afetiva lembrar a célebre frase de Andreas Capellanus: “Que coisa extraordinária o amor: permite que tantas virtudes brilhem no homem e confere tantas qualidades a todos os seres, quaisquer que sejam”,<sup>5</sup> querendo significar que não só elementos que mais tarde estarão associados ao sentimento de cortesia mas também, e principalmente, um reconhecimento das personagens que serviram de modelo para mostrar as virtudes da dama, nem sempre vão tratar de mulheres da nobreza, mas de concubinas dos reis, às vezes até meretrizes, serão seguidos de uma evolução estilística da versificação para um estilo mais refinado, em que o amor muito deve ao símbolo e à correspondência da palavra enquanto expressão do amor.

Nessa expressão do amor reside certo anseio pela estilização do que veio a ser a transformação da vida amorosa em um jogo com regras nobres. Johan Huizinga comenta que “[n]ão se pode avaliar o quão significativo foi o fato de a classe dominante de todo um período ter recebido a sua concepção de vida e a sua erudição na forma de uma *ars amandi*”.<sup>6</sup>

Igualmente, a época que ilumina a *Arte de trovar*<sup>7</sup>, representa o ideal de amor feminino em que todas as virtudes cristãs e sociais foram encaixadas na moldura do “verdadeiro amor” pelo sistema do amor cortês. Ao pensar a experiência coletiva feminina que adquire especial importância face ao mundo androcêntrico e patriarcal da Idade Média, no qual a existência da mulher se subordinava às leis do princípio da fertilidade, as novas regras significaram uma perspectiva inovadora além de erótica do ideal de vida cortês, podendo ser equiparada com a escolástica.

Reconhecida a presença desse modo de ver a vida, Umberto Eco<sup>8</sup> compara o interesse estético dos medievais e o nosso, delimitando aquele como portador de uma visão mais dilatada e voltada a atenção para a beleza das coisas,

---

<sup>5</sup> Trata-se de uma passagem do capítulo IV Quais são os efeitos do amor? em que André Capelão discorre sobre as nuances do amor no século XII. ANDRÉ CAPELÃO. *Tratado do amor cortês*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 13.

<sup>6</sup> HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 179.

<sup>7</sup> Breve texto que aparece no Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa, edição crítica e fac-símile de Giuseppe Tavani, Lisboa, Colibri, 1999.

<sup>8</sup> ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2010, p. 19.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

frequentemente estimulada pela consciência da beleza enquanto dado metafísico.

Antes de adentrarmos nos intrincados caminhos da hermenêutica, merecem atenção algumas considerações preliminares referentes à consideração que se dará neste trabalho ao conceito e mais à função do símbolo, entendido no terreno da semântica poética. Em primeiro lugar deve-se notar que, inerente ao tratamento simbólico de qualquer imagem, encontra-se predisposta uma convenção mental, contextualmente determinada por valores ideais eleitos por desiderabilidade. Neste sentido, o símbolo funciona como a própria garantia ontológica dessa comunidade, na medida em que promove a sua desejável e satisfatória interação com a realidade natural e cultural do tempo e mais do espaço em que essa comunidade se situa.

No caso medieval – contexto do qual se ocupa este estudo – a reabilitação histórico-cultural da sua ontogênese simbólica, especialmente no que se refere ao *eidos* poético, constitui uma tarefa de imenso esforço que pode ser comparada com a do trabalho do arqueólogo. E isto porque – e para se situar apenas no terreno das influências – a dinâmica incorporação da ampla tradição clássica greco-latina encontra-se refundida, na cultura que abrange os vários períodos da Idade Média, de maneira praticamente assistemática, isto é, com grande diversidade de interesses e de vicissitudes na obtenção do conhecimento. Essa transmissão cultural, hermeneuticamente plurivalente devido às reelaborações que sofreu, encontrou ainda uma significativa contribuição representada pelos progressos do conhecimento patrístico e pelo trabalho classificador dos enciclopedistas da tardia época medieval.

Desse modo, toda a simbologia que normalmente percorre a poética medieval encontra-se supostamente transfigurada pela referência alegorizante herdada principalmente da tradição religiosa, da prática e da utilização exemplar da alegoria e do símbolo. Em uma tradição que se fundamentava nas raízes clássicas gregas e romanas, em que a leitura de textos canônicos míticos ou épicos se fazia pelos diversos pensadores cristãos, respeitados como “doutores” da Igreja, o significado anagógico, a lição moral, a significação figurada e o significado literal das palavras eram reconhecidos como níveis interpretativos que possibilitavam flexibilidade no emprego das Escrituras como verdade padrão. Portanto, essas formas de interpretação, repercutiam-se em todos os setores da vida na sociedade medieval.

Numa versão mais refinada, a alegoria erótico-religiosa transforma-se em forma literária, opondo-se, de certa maneira, ao espírito ascético da Igreja, ao mesmo tempo que a destrona como produtora de poesia.<sup>9</sup> Inicia-se, assim, o culto consciente do amor, tendo este um novo sentido com um tratamento sentimental da inclinação amorosa e uma tensão na procura de realização pelos amantes.

É na essência do desejo insatisfeito, cuja carência é um dos elementos constitutivos do Amor desde a perspectiva mitológica de Eros, evocada por Platão<sup>10</sup> em *O banquete*, que se encontra um mundo submerso em sensualidade e erotismo. Suscitado pelas escolhas lexicais, pela carga metafórica, simbólica e pela repetição, esse mundo aponta imagens poéticas criadas a partir desses recursos e de imagens concretas como cabelos, flores, fontes, ribeiras, enquanto manifestação imanente a motivos da natureza como mar, floresta, animais, presentes no simbolismo medieval.

Num primeiro momento, à visualidade textual das cantigas escolhidas para compor este estudo, observa-se, de maneira evidente, uma absoluta moderação na economia dos recursos expressivos, constatada sobretudo na reiteração de palavras idênticas ou semelhantes. A análise dessa retórica cuja expressividade estilística é conseguida pela reiteração de valores linguísticos repetidos ou remodelados mas com bases afins, identifica nas cantigas dois recursos principais: a estilística da forma e a representação da variação alusiva. Em virtude desses valores, apresentamos a primeira cantiga (*Fui eu, madre, lavar meus cabelos*) de Johan Soarez Coelho, que escreveu 15 cantigas de amigo durante seu período de produção lírica que data de 1235 a 1270:

Fui eu, madre, lavar meus cabelos  
a la fonte e paguei m'eu delos  
3 e de mi, louçana

II Fui eu, madre, lavar mhas garcetas

<sup>9</sup> A cultura literária, na Europa medieval, era um monopólio da Igreja. Em Portugal, os mosteiros de Alcobaça e de Santa Cruz de Coimbra são os principais centros da cultura médio-latinista, como era denominada por causa da língua usada ser o latim. António José Saraiva comenta que essa literatura além de ter por veículo a Igreja, em especial os conventos, “é aproximadamente idêntica em todos os países integrados pela Igreja Católica ocidental” (1966, p. 15).

<sup>10</sup> PLATÃO. *O banquete* (trad. Heloisa da Graça Burati). São Paulo: Rideel, 2005.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

- 6 a la fonte e paguei m'eu delas  
e de mi, louçana
- III A la fonte e paguei m'eu deles;  
aló achei, madr', o senhor deles  
9 e de mi, louçana
- IV E, ante que m'eu d'ali partisse,  
fui pagada do que m'ele disse  
12 e de mi louçana.  
(B 689, V 291)

Essa cantiga expressa uma ambiguidade de imagens produzida principalmente pela obsessiva repetição retórica das palavras *lavar cabelos/lavar garçetas*. Durante o período medieval, à luz do Trovadorismo, era comum a representação simbólica de questões sexuais ou mesmo a descrição do ato sexual pelo uso da imagem de alguma atividade social (HUIZINGA, 2010, p. 182). Lavar as vestes, por exemplo, tinha significado erótico e conotação sexual porque a lavagem das roupas e a água assumiam significados figurativos, remetendo para núpcias e sensualidade feminina, além da associação arquetípica do princípio líquido com a natureza feminina tradicionalmente aceita.

Assim, no mesmo campo metafórico situa-se o lavar os cabelos, pela ação da água e sua analogia com a mulher, no caso da cantiga, a menina que lava as garçetas. Representado na tradição judaico-cristã como uma das principais armas da mulher, os cabelos significam um sinal da disponibilidade, do desejo de entrega ou da sua reserva. A noção de provocação sensual, ligada aos cabelos femininos, encontra-se na origem dessa tradição que, entre outras deliberações, não permitia às mulheres que entrassem na igreja com a cabeça descoberta.

Esse tipo de procedimento analógico entre a representação simbólica de algo correspondendo-o às ações humanas parece ser usual na Idade Média, como se fez representar nos bestiários. Pedro Fonseca<sup>11</sup> comenta que algumas espécies do mundo animal, vegetal e mineral são descritas em referência à sua natureza e traços comportamentais, com frequentes correspondências exemplares com os seres humanos, numa associação recorrente a ensinamentos concernentes à boa conduta baseada em princípios e em preceitos da moral cristã.

---

<sup>11</sup> FONSECA, Pedro Carlos Louzada. *Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil*. São Paulo: Edusc, 2011.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Essa associação, baseada no crescente interesse pela história natural do fim da Idade Média, traz como consequência uma despersonalização dos agentes mitológicos para concentrar-se basicamente nos elementos e nas forças naturais que estes agentes representavam.<sup>12</sup> Nas tradições judaica e cristã, a água simboliza a origem da criação. Na Bíblia, as fontes são lugares de alegria e encantamento, onde acontecem os encontros essenciais, nasce o amor e os casamentos principiam. O encontro na fonte constitui um tópico recorrente na literatura desde a época pagã, em que o culto às fontes, por meio de oferendas de pão e vinho, tinha uma ligação com os ritos de fecundidade.

Numa conversa com a mãe, a menina diz que foi na fonte para lavar os cabelos e estava contente com eles. Ali “achou” o amigo (*senhor deles e de mi*), com quem ficou satisfeita pelo que ele lhe disse. A presença da fonte e do cabelo como elementos simbólicos aponta para

a riqueza histórica de ambos os motivos e sua presença em diferentes culturas, inclusive na tradição bíblica do *Cântico dos cânticos* (4, 1). Das várias implicações, ressalte-se a força erótica dos cabelos, cujas garcetas indicam a moça virgem sensualmente a lavá-las, e o simbolismo espacial da “fonte”, local de renovação e fertilidade.<sup>13</sup>

A presença Em comentário sobre a cantiga “Fui eu, madre, lavar meus cabelos” de Johan Soarez Coelho, Lênia Márcia Mongelli<sup>14</sup> a classifica como do tipo “tradicional” pelo uso do modelo paralelístico com leixa-pren, além do recurso a símbolos antigos como a fonte e os cabelos, e também pelo teor narrativo, marcado pelo diálogo com a mãe.

Com relação à estilística da forma, a cantiga passa uma produção de sentidos que ultrapassam a economia linguística. As rimas em *delos/delas* apontam para o teor sensual e erótico em que elementos dos gêneros masculino e feminino se aproximam e, ao mesmo tempo, se relacionam aos cabelos, com sua força erótica, desembocando no entendimento de que houve um encontro amoroso

---

<sup>12</sup> FONSECA, Pedro; GARAY, René. Formas do simbólico em “Levantou-s’a velida” de don Dinís: arqueoloxía da plurisemia poética. *Anuario de estudos literarios galegos*, 1993, p. 4. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/-articulo?codigo=1409279>. Acesso em: 22 jan. 2010.

<sup>13</sup> MONGELLI, Lênia Márcia. *Fremosos cantares*: antologia da lírica medieval galego-portuguesa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 116.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 116.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

que transcorreu à beira da fonte. O verso 8 (*aló achei, madr', o senhor deles*) rompe o leixa-pren e introduz a presença do *senhor*, criando um novo sentido para o refrão, uma vez que indica que o *senhor deles* (dos cabelos) é também o senhor *de mi, louçana* (da menina).

Quanto à variação alusiva, Stephen Reckert<sup>15</sup> faz precisamente aqui uma incursão no terreno semântico das correspondências de imagens da lírica medieval, comparando essa cantiga de Johan Soares Coelho com uma outra de Johan Zorro, propondo a sua compreensão simbólica, dentro de um contexto histórico-literário que abarca as cantigas desses trovadores.

A atividade poética de Johan Zorro, pelas frequentes referências a Lisboa e a “el-rey de Portugal”, situa-se em Portugal durante o reinado de Dom Dinis (1279-1325). Ao que tudo indica, esse trovador participava da corte desse rei, possuindo, como deixa entrever na maior parte de suas cantigas, estreito laço com a política marítima do rei-trovador.

I - Cabelos, los meus cabelos,  
el rei me enviou por elos,  
ai madre, que lhis farei?  
- Filha, dade os al rei

II - Garcetas, las mhas garcetas,  
el rei m'enviou por elas,  
ai madre, que lhis farei?  
- Filha, dade as al rei.  
(B 1154, V 756)

Nota-se, novamente, as rimas em *elos* e *elas* que aproximam os gêneros masculino e feminino e referem-se aos mesmos cabelos como acontece na cantiga de Johan Soares Coelho. A figura da mãe também encontra-se presente, na forma do diálogo. Entretanto, aqui tem-se a figura de el rei, elemento recorrente nas cantigas de Johan Zorro e uma das características do contexto lírico galego-português das composições desse trovador. Sobre os textos poéticos deste trovador, sabe-se que representam

---

<sup>15</sup> RECKERT, Stephen. “Cinquenta cantigas de amigo”. In: *Do Cancioneiro de Amigo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1996.





SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

o único ciclo lírico em toda a poesia galego-portuguesa cujo cenário é independente de qualquer referência religiosa (mesmo que as cantigas de romaria sejam de matéria profana e não religiosa, é no espaço de um santuário que todos os outros ciclos deste género se desenrolam).<sup>16</sup>

Na cantiga apresentada, a voz feminina ergue-se em diálogo com a mãe, cuja presença infere que seja um ambiente doméstico assim como o ambiente da primeira cantiga apresentada. A menina encontra-se em dúvida sobre o que fazer com seus cabelos, que *el rei me enviou por eles*. Nesse diálogo, a mãe aconselha: *dade os al rei*. Geralmente cabe à mãe o papel de confidente e protetora, aconselhando a filha a proceder com mesura e decoro, na preservação da sua inocência. Entretanto, nessa cantiga de Johan Zorro, em especial, cabe à mãe mesmo dando o conselho à menina de entrega dos cabelos *al rei*, simbolizando a entrega da virgindade, a mãe transgride o código ao sugerir à filha que dê os cabelos ao rei.

Contudo, nem sempre as filhas seguiam os conselhos da mãe, e descumpriam suas ordens, se expondo em locais públicos, como pode ser visto na cantiga a seguir, de autoria de Pero Meogo, em que a garota vai alegre lavar seus cabelos na *fontana fria*.

Levou s' aa alva, levou s' a velida,  
vai lavar cabelos na fontana fria  
leda dos amores, dos amores leda

Levou s' aa alva, levou s' a louçana,  
vai lavar cabelos na fria fontana  
leda dos amores, dos amores leda

Vai lavar cabelos na fontana fria;  
passou seu amigo, que lhi ben queria  
leda dos amores, dos amores leda

Vai lavar cabelos na fria fontana,  
passa seu amigo, que a muit' amava  
leda dos amores, dos amores leda

passa seu amigo, que lhi ben queria;  
o cervo do monte a augua volvia  
leda dos amores, dos amores leda

---

<sup>16</sup> LOPES, 2007, p. 432.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Passa seu amigo que a muit' amava;  
o cervo do monte volvia a augua  
leda dos amores, dos amores leda.  
(B 1188, V 793)

No contexto da poética trovadoresca peninsular, o elemento fonte, assim como a ribeira e o regato, aparecem geralmente associados ao princípio positivo da simbologia líquida, pois encarnam o desejo de realização amorosa espacial, do prazer comumente associado com a consumação erótica. O que, sem dúvida, parece característico da cantiga de Pero Meogo é o motivo da fonte e da força erótica do lavar cabelos – lembremos aqui a cantiga analisada de Johan Soarez Coelho –, associado à figura do cervo que volvia a água.

A correspondência exemplar da natureza com os seres humanos, na lírica trovadoresca, indica que os trovadores foram importantes para o estabelecimento de uma linguagem altamente simbólica, entre essas duas realidades. A simbologia erótica dos versos, para Monroy Caballero, sugerem “símbolos arcaicos a través de los cuales los elementos de la naturaleza, las plantas y los animales se identifican con la vida sexual humana”.<sup>17</sup>

Azevedo Filho<sup>18</sup> explica que o simbolismo do cervo remete à sexualidade viril, desde a tradição pagã até ser redimensionada pela influência cristã. Parece que na cantiga de Pero Meogo a relação da donzela com o simbolismo da água possui, sobretudo, um caráter de intimidade que se contem na sua abertura à satisfação declarada para dois, onde o cervo que volvia a água pode ser representado pela figura do namorado.

No *Diccionario de Símbolos* de Chevalier e Gheerbrant<sup>19</sup>, entre várias significações, a imagem do cervo é associada à árvore da vida, em virtude de sua alta galhada, que se renova periodicamente, e simboliza a fecundidade, os ritmos de crescimento, os renascimentos. Como símbolo cristológico, o cervo é inimigo e destruidor de serpentes, obrigando-as a sair de suas covas pelo sopro de suas narinas. “Quando ele procura uma companheira e quando tem sede, seu apelo

<sup>17</sup> CABALLERO, A. Monroy. *Revista de Poética Medieval*, Universidade de Alcalá, n. 14, 2005, p. 24.

<sup>18</sup> AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Literatura Portuguesa: história e emergência do novo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ EDUFF, 1987.

<sup>19</sup> CHEVALIER; GHEERBRANT. *Diccionario de símbolos*, p. 223.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

rouco e selvagem parece ser irresistível; daí sua comparação com o Cristo, ao fazer um apelo à alma, e à alma-esposa, em busca de seu esposo”.<sup>20</sup>

Certas obras de arte fizeram do cervo o símbolo do temperamento melancólico, sem dúvida por causa de seu gosto pela solidão. Encontra-se, às vezes, um cervo atingido por uma flecha, tendo na boca uma erva graça à qual espera conseguir curar-se. A lenda deixa transparecer que seu mal é incurável, *malum immedicabile*. Trata-se evidentemente de um mal de amor, e a fonte dessa constatação é Ovídio, que, em suas *Metamorfoses* (1, 523), faz Apolo dizer as seguintes palavras, no momento em que Dafne lhe foge: Infeliz de mim, cujo amor não poderia ser curado por nenhuma erva (TERS, 67, 416).<sup>21</sup>

O cervo é também símbolo de ardor sexual, como pode ser investigado na mitologia grega e em outras fontes literárias, quando aparece perto de Afrodite e Adônis, de Susana ao ser espiada pelos velhos ao tomar banho.

As cantigas apresentadas como *corpus* deste trabalho tratam de um amor físico e inocente até complicações resultantes da valorização social da virgindade feminina. Na cantiga de Johan Zorro a filha discute com a mãe qual procedimento a ter com o rei: fazer-lhe a vontade ou não?

Isto posto é o que agora se tem neste estudo, querendo-se concluir que tal operação simbólica poderá indicar certas características elucidativas da visão dos trovadores citados, considerada a realidade de autores e a posição ideológica relacionada com as suas funções no contexto sociocultural e filosófico em que se situam como figuras representativas dessa época.

\*\*\*

## Bibliografia

- ARTE DE TROVAR. Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa, edição crítica e fac-símile de Giuseppe Tavani, Lisboa, Colibri, 1999.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Literatura Portuguesa: história e emergência do novo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ EDUFF, 1987.
- BLOCH, Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- CABALLERO, A. Monroy. *Revista de Poética Medieval*, Universidade de Alcalá, n. 14, 2005.

<sup>20</sup> CHEVALIER; GHEERBRANT. *Idem*, p. 225.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 226.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas e figuras, cores e números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2010.
- FONSECA, Pedro Carlos Louzada. *Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil*. São Paulo: Edusc, 2011.
- FONSECA, Pedro; GARAY, René. Formas do simbólico em “Levantou-s’a velida” de don Dinís: arqueologia da plurisemia poética. *Anuario de estudos literários galegos*, 1993, p. 4. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/-articulo?codigo=1409279>. Acesso em: 22 jan. 2010.
- HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- MONGELLI, Lênia Márcia. *Fremosos cantares: antologia da lírica medieval galego-portuguesa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- PLATÃO. *O banquete*. Trad. Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.
- RECKERT, Stephen. “Cinquenta cantigas de amigo”. In: RECKERT, Stephen; MACHADO, Helder. *Do Cancioneiro de Amigo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1996.
- SARAIVA, António José. *História da Literatura Portuguesa I: das origens ao Romantismo*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1966.